

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalho — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GAMBENT. ADIANTADO

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Barcelos Antigo

OU

Trechos escolhidos da sua acção histórica

POR

Bento Antas da Cruz

Rui Ferreira de Mendonça

Ayres Ferreira, da casa dos senhores de Cavalheiros, e couto de Frazão e Marvila de Couros, viveu em Barcelos, no tempo de D. João III.

Teve quatro filhos e duas filhas.

Os rapazes, á excepção de um que morreu na infância, foram todos servir na Índia: eram Ruy, Alvaro e Gonçalo.

Os tres soldados grangearam fama no Oriente; e Ruy Ferreira de Mendonça, o mais velho, avantajou-se nas proezas—nas cruéis façanhas que os Coutos e Barros chamavam proezas.

Não lhes desluzam, por isso a memória. Era século de trevas e de missionários. Reinava D. João III, o inquisidor. Cada qual é do seu tempo. Se algum contemporâneo como o bispo de Silves, protestou contra o fanatismo sanguinario, deve-se o protesto honroso a não ter ido lá o insigne escriptor. Se fosse, pegaria d'elle a contágio da carnagem, a peste daquele, ar infecto da sangueira, o cólera que accedia sêdes de cubica insaciavel.

No seu solar de Barcelos ficara Ayres Ferreira, sozinho e triste. Doia-lhe mais que tudo a saudade de Ruy, o seu primogénito, que lhe fugira, ancioso de batalhas, e invejoso dos irmãos, cujos nomes começavam a ser laureados na Asia em 1543.

Naquele tempo, um mancebo de apelido Góes, renunciava esse apelido, que era o do seu progenitor, em afronta ao pai que lhe impedia servir as armas na Índia!

Um dia Ruy Ferredra de Mendonça recebeu em Gôa carta de seu pai, queixando-se os filhos que o deixaram velho, desamparado, e exposto aos afrontamentos de quem já lhe não temia o braço alquebrado por anos e desgostos.

E contava que o abade de Creixomil, clérigo fidalgo e possante, ouzava a pôr-lhe as mãos nas barbas.

Ruy saíu com a carta de seu pai em demanda do vice rei a pedir-lhe licença para vir ao reino. O vice-rei negou-lha, com intento de evitar um crime, privando-se de um dos seus mais valentes capitães. E, sabendo que o fidalgo lhe não obedeceria e se andava negociando clandestinamente passagem nas naus, deu-lhe ordem de prisão até que os navios levassem ancora.

As naus abalaram, e Ruy foi pôsto em liberdade. Apenas livre, correu á barra, avistou ao longe o velame, arrojou-se ás ondas, e nadou na esteira delas. Quatro horas bracejou, reagindo ao sossobro que o levava de vencida. Favorecido por súbita calmaria, as naus baloiçavam paradas, e as vagas alizaram-se como lago de águas estanques. Viram da amurada um homem que nadava.

O capitão que lhe quizera dar passagem oculta, suspeitou quem fosse, e mandou uma lancha com oito remadores ao encontro dele.

Colheram-no reanimado, mas em tamanho quebranto de forças que levou dias a restaurar-se. Tinha cortado duas léguas de mar!

Desembarcou em Lisboa, e seguiu para o Minho. S. Tiago de Creixomil, abadia do então chamado Couto de Fragoso, demorava no termo de Barcelos.

Aí vivia o clérigo que afrontara Aires Ferreira.

Ruy, antes de se avistar com o pai, bateu á porta do abade, e enviou-lhe o seu nome.

O fidalgo tonurado desceu ao rocio da sua residencia, empunhando a espada de cavaleiro. O soldado da Índia rejubilou quando viu o adversário armado. Vexava-o de ter de matar um inerte. Travaram-se os dois gladios; mas que prelio tão desigual entre o guerreiro experimentado e o fidalgo que sabia apenas a egrima de curioso! A' volta de poucos botes, o abade de Creixomil caiu trespassado do peito ás costas, ouvindo estas vozes frementes de ódio:

— Perro! não puzesses mãos nas barbas de um velh!

E depois foi beijar a mão a seu pai, com quem se demorou algumas horas e partiu para não perder a passagem das naus que estavam de vela para a Índia.

E lá foi ceifar novos loiros.

Camilo Castelo Branco.

Noites de Insomnia, n.º 3, pag. 33 e seguinte.



Nossa Senhora da Franqueira

A Franqueira

Começa a despertar a fama nos melhoramentos a realizar no nosso lindíssimo Monte da Franqueira.

A Comissão Administrativa da Irmandade de N. S.ª da Franqueira já, no passado domingo, esteve lá em cima no *alto*, a inquirir por onde devem começar os trabalhos, acentando com alguns artistas o principio da continuação de tamanho esforço.

Neste dia a mesma Comissão teve ocasião de presenciar a grande afluência de gente que lá estava em cima, comprovando-se assim que a Franqueira já vai despertando a vontade de ser visitada pelos povos das freguesias circunvizinhas, o que fazem com grande satisfação.

Carta de Barcelos

O Governo não concedeu ao nosso Municipio o empréstimo de trezentos contos que lhe havia solicitado para ocorrer a certas obras que nesta cidade se estão fazendo.

— Foi para Lisboa o Sr. D. Gomes de Matos Graça, illustre Governador civil.

— Foi nomeado lugar tenente de S. M. D. Nuno o Sr. Dr. Joaquim Paes de Vilas-Bôas.

— Vai ser reconstruido no Campo de S. José o antigo fontanário que estava no Largo da Cama s. E' uma medida acertada.

— No passado dia 23, á tarde, tocou no jardim publico, a «Banda Barcelhense» e á noite abillhou no Salão Recreativo um sarau em seu beneficio. — C.

Crónica da Semana

Ano Santo. — Decorre o Ano jubilar. Em Braga foi brilhantemente iniciado com as solenidades do Domingo da Paixão e da Semana Santa, que decorreram com o maior brilho e edificação. Não há memória de solenidades tão completas, pela imponência dos actos do culto, pela abundância de pregação adequada e magistral, e pela concórdia e piedade dos fiéis. Marcaram estas solenidades, imprimindo ao início do Ano Santo em Braga um cunho profundamente religioso de subida elevação.

De Roma trazem os jornais notícias de imponentes solenidades, de peregrinações, de recepção de muitos milhares de peregrinos por Sua Santidade. Tudo mostra que o centenário da Redenção será brilhantemente comemorado e que os frutos de salvação que dele vão derivar serão copiosíssimos e trarão às almas a paz reconfortante e aos homens o estudo da melhor utilização das coisas da terra pela aproximação com Deus.

Sopra em todas as nações um vento de instabilidade, de desconfiança, de tempestade

latente, que pode conduzir a uma nova e mais tremenda guerra.

E' preciso o maior número de orações ao Senhor da Paz e de todos os paizes, para que domine os ímpetos dos mais exaltados e chame a todos à concórdia, à reconciliação, pon-do de parte a ambição, os sonhos de imperia-lismo, os interesses exagerados, cuidando tão-somente do bem dos povos.

E' este ano especialmente destinado a esse fim. E' dever dos governantes corresponder, quanto possível, a este alto pensamento do Sumo Pontífice, e não é menor a obrigação dos governados, procurando com os seus actos concorrer para a solução da paz, e com as suas orações obter de Deus a benignidade e os auxílios necessários.

Que o ano Santo, tão auspiciosamente iniciado, decorra e se encerre numa verdadeira glorificação a Jesus Cristo Redentor e num completo triunfo espiritual para as almas, pela abundância de graças e benefícios de toda a ordem.

REVELAÇÕES DUM EMIGRADO

Lemos há dias num jornal de Lisboa, que é Portugal o país único em que a balança financeira guarda equilíbrio estável de molde a garantir à nação uma verdadeira prosperidade, e que em nenhum outro país a crise económica é tão superficial nos seus estragos e ligeira nos seus efeitos.

Não obstante, nota-se por toda a parte um mal estar geral que embora a alguns aproveite para negócios graúdos a outros vai causando preocupações e tristeza. E não é sem razão.

A par disto, e talvez por isto mesmo parece reavivar-se agora a mania da emigração que o momento actual de nenhum modo aconselha.

Os, que manobrados por cavalheiros menos escrupulosos se deixam conduzir ao bêco estrangeiro, sem luz, sem pão e sem bordão, sem saída mesmo provável, apreciem estas linhas que pessoa amiga nos escreveu da América, da própria capital, — Nova Iorque — em Fevereiro p. p.

O quadro embora sombrio e tétrico, exprime a an-ciedade duma situação real que a todos deve impressionar e que é capaz de fazer recuar os aventureiros mais ousados perante o perigo que os espera no limiar duma patria que não é sua, nem mãe nem sequer madrasta.

Diz a carta:

«A vida por cá vai cheia de dificuldades. A crise é medonha e o povo tem a paciência esgotada. As maquinas tem influido muito para esta derrocada financeira e comercial. Em breve vai abrir uma fabrica de setim de seda, que trabalha sem uma única pessoa lá dentro. O povo tem tentado dinamitá-la.

Como está muitas ou quasi todas estão a usar os malditos dos novos inventos.

Na fabrica Ford de Automóveis, onde trabalhei o ano passado, eramos empregados só na secção de polir e dar brilho à tinta dos carros, mais de 400 homens em cada guarda de 8 horas, porém agora faz muito mais serviço só com 23 homens do que antes com 400. Só nessa fabrica empregava o Ford 6.000 homens enquanto que agora nem talvez 1.000 empregue. Fazia 2 automoveis por minuto, e agora faz 3 e mais. Em todas as fabricas de Ford trabalhavam no ano passado 250 mil pessoas e agora no novo modelo de 1933 não empregará mais de 150 mil».

Agora está por menor sem importância: «Tem caído muita foléca, que chegou a atingir meio metro de altura.»

E agora? Bolsa vazia... Barriga ao frio... A fome com o seu negro cortejo!!!...

A mesma carta escrita num português correcto por um simples operário, a quem a América já em tempos favoreceu com fortuna que agora recusa, mostra-nos ainda outro aspecto não menos sombrio e bor-rascoso da vida do emigrado. Depois de referir os grandes progressos da propaganda católica no país dos dólares e as vitórias que a acção católica vem ganhando no campo espiritual e social diz:

«Aqui são os portugueses os que menos apapecem na igreja. Aí vão à igreja e à missa para não serem apontados.

Porém aqui não vão nunca. Isto é a regra geral. — E continua:

«Talvez possa afirmar que o povo mais incrédulo que existe aqui e que mais escarnece destas coisas de religião chegando ao desaforo de censurar os que frequentam a igreja e a olhá-los com desdém, é o português».

«Mas isto não sucede com povos doutras raças. Todos geralmente respeitam as ideias religiosas dos mais só os nossos é que censuram este ou aquele porque é católico».

Termina a carta com uma minuciosa descrição duma «parada católica» — uma procissão — onde apareceram associações com mais de mil associados, na qual se encorporaram para circa de 400 mil pessoas, e que numa rua de Nova Iorque levou seis horas a passar.

Mas isto é assombroso.

Assombroso, não tanto a procissão, pois não é só na América, Dublin, Lourdes, Fátima, Braga-Sameiro não ficam a dever nada em pompa e piedade.

Assombroso antes o pouco amor de muitos à religião que dizem professar, a que aos mesmos ateus e hereges causa espanto.

Admira na verdade que as águas do Atlântico ou a raia estrangeira façam inurchar tão depressa as crenças e ideias religiosas do nosso patricio emigrado.

Não somos um país de católicos?

Mas que católicos!!!...

«Aí vão à missa para não serem apontados. Aqui não vão nunca e ainda censuram».

Mas isto que a carta diz é verdade. Verdade dura, verdade caustica, como uma braza, capaz de escaldar o rosto a tantos que emigram só para a *ganhuça*.

Mas que ganham eles?

Pouco ou nada. Antes pelo contrário perdem e fazem perder.

Perde a Pátria.

Perde a sociedade.

Perde a família.

Perde a ordem moral e os costumes.

Perde a religião e a Igreja que despretegiam, que desacreditam e envergonham.

Mas eles perdem também, e muito mais.

Vai-se com eles o amor de Deus, o amor da família e da pátria.

Vai-se a felicidade e a saúde, a dignidade e o carácter.

Vai-se a alma e tantas vezes o Céu.

P. J. Bacelar.

Uma familia privilegiada

No mosteiro das Benedictinas do Rochette, próximo de Lião, França, tomaram hábito duas irmãs que pertencem a uma familia verdadeiramente privilegiada.

O pai foi farmacoutico em Orleans. O único filho que teve foi para o Seminário, mas quando veio a guerra o Seminário foi mobilizado e esse filho morreu combatendo pela pátria.

Pouco tempo depois morreu-lhe a esposa e ele então ordenou-se. Têve depois a grande ventura de conduzir as suas duas filhas ao convento e de rezar a Missa da cerimónia em que elas tomaram hábito.

E' uma familia completamente votada a Deus.

Considerações oportunas

Exemplo a imitar

Muitas lições, bem necessárias e oportunas, nos proporcionam as páginas do Evangelho, nesta época litúrgica do ano. Por exemplo: era facto já conhecido que Jesus havia ressuscitado; já havia aparecido a sua Mãe, a Magdalena, aos discipulos; o túmulo estava vazio; sobre o sepulcro estavam dois Anjos que disseram a Magdalena que Jesus havia ressuscitado; Magdalena inclina-se sobre o túmulo, vê que é verdade não estar ali o Corpo de Jesus, e todavia, diz o Evangelho Magdalena «estava de pé, fóra do sepulcro, chorando». Não estava ali Jesus; havia estado, e Magdalena pelo seu grande affecto ao Divino Mestre, não arredava pé, não saía dali, a deplorar a ausência de Jesus, único objecto do seu amor.

Ponhamos em paralelo o nosso amor com o amor de Magdalena. Entre nós, encerrado no Sacrário, está Jesus, não morto mas vivo, com as suas duas naturezas. Está ali, preso pelos laços da amor, por nossa causa, para que ali venhamos, a consultá-lo, a pedir as suas bênçãos e graças, e sobretudo para se dar todo a nós, pela comunhão sacramental. «Sempre vivo, a interceder por nós», dia e noite. E como é que nós correspondemos a essas finezas de amor? qual o affecto que lhe temos? que tempo ali nos demoramos, a pagar amor por amor?

Responda a consciência de cada um; ouçamos o que ela nos diz acerca do que havemos feito e como havemos de proceder daqui para o futuro.

Se ver Paid e sincera fóra a nossa conversão, como o amor a Deus, com certeza que jámais O esqueceríamos, e mais frequentes, mais fervorosas seriam as nossas visitas ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Era ali que iríamos apressadamente, quando oprimidos pelos trabalhos da vida, quando atribulados, desfalecidos, tentados. E bastavam alguns momentos de visita a Jesus Sacramento, que é Pai, é amigo, conselheiro, médico e remédio para todos os males, para dali sairmos com outra luz, outra força, consolação e vida. Quão enganados pois andamos, sempre que nos esqueçemos de Jesus, preferindo as criaturas, buscando nelas a luz, conselho e amparo, que de Jesus deveríamos receber, pois às ordens de todos está, a todos dirige este convite: «Vinde a mim todos os que andais oprimidos pelos trabalhos da vida, pelas tribulações do espirito, e Eu vos darei força, alento e vida»! Como Magdalena, saibamos procurar e amar Jesus.

SILVIO.

RIDENDO

Estás pálido, de onde vens?

— Do dentista.

— Arrancou-te algum dente?

— Não; arrancou-me vinte escudos.

— Para que queres tanta erva?

— E' que amanhã chega a patrão num carro de quarenta cavalos, segundo mandou dizer.

Mamã, o que vem a ser a inocencia?

— A inocencia, minha filha, é uma coisa... que quando se chega a saber o que é deixa de existir.

VARIEDADES

VAIIDOSA

...Abrigas, morena,
Bem louca vaidade...
E fazes-me pena,
Porque ela, em verdade
Roubando a fragância
Que os anjos te deram,
Desfaz num momento
O que estes fizeram
Com tanto talento!...

Acaso presumes,
Criança vaidosa,
Que tantos perfumes
Tens como a rosa?
Depois, se os tiveras?
Não viste, trazidas
Por frias nortadas,
As folhas caídas
Das rosas fanadas?

Pois como das rosas
As folhas se soltam,
Assim teus encantos
Se vão, e não voltam;
Que angustia e prantos
Nos crivam de espinhos,
E os anos que passam
Por menos que façam,
Nos tornam velhinhos!...

Depois que te resta
De quanto findou?
Que resta, beldade
De tanta vaidade
Que o demo inspirou?
Mulher: que te resta
Da glória passada?

A dor, que molesta;
Remorso; mais nada!

José Cordovil.

Sic semper

Um santo de cortiça e outro d'ouro
Do irar caindo no profundo abismo;
Foi para o fundo o que era grão tesouro,
Para o outro foi leve o cataclismo.

O mesmo é, entre os homens com desdouro
Da sagrada justiça o rigorismo;
Afunda-se o que vai na dura liça;
Porém, flutua sempre o de cortiça.

As sepulturas requerem respeito,
Pedem as cans a mór veneração;
Pois cans, são flôres que desabrocham
Sôbre o sepulcro de grande ilusão.

d' Alguém.

Puz a mão na parte esquerda,
Não achei meu coração.
Não me lembrei que o tinha
De penhor na tua mão.

Noutros tempos era eu
Do teu prato a melhor sopa.
Agora sou um veneno
Rosalgar na tua bôca.

NOTA ALEGRE

—O' Maria já fechaste a capoeira?
—Já sim, minha senhora.
—Contaste as galinhas?
—Contei sim, minha senhora.
—Não falta nenhuma?
—Não, minha senhora.
—Quantas estavam?
—Uma, minha Senhora.
—Está certo. Fecha a porta.

Num consultório:

—Doutor, que hei-de fazer para evitar o contágio do tifo, pela água?

Primeiramente ferva-a; depois deixe-a arrefecer; depois torne a fervê-la; depois arrefeça-a de novo.

—E depois?

—Depois... beba um bom copo de vinho verde ou um cálice de vinho do Porto. E' o mais seguro.

Reflexões de uns e de outros

Não vejo utilidade nenhuma nos cães.

Um gato.

Tôda a gente se devia enforçar.

Um cordoeiro.

Para o suicídio, não há nada melhor do que um revólver.

Um armeiro.

Quem inventou o doce, está no Céu.

Um lambareiro.

Gosto mais do Sangue de Cristo, do que do seu corpo.

Um ébrio.

De quem são mais próprios os peixes.

Da poesia, o mero (Homero).

Da divisão, a raia.

Da inconstância, a várria.

Da universidade, a cabra.

Da namorada o coió.

Do dragão, a dragoeira.

Do dançarino, o saltão.

Do córado, o rosado.

De quem são mais próprias as aves

Do bisbilhoteiro, o cochicho.

Do pintor, o pintarrocho (pintar... rôxo).

Da criança, o cócô.

Da tia, a titi.

Do convento, o fradinho.

Do mentiroso, a arara.

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Ao muito amável charadista "Lebricho" agradecendo o seu "Gilvaz"

Senhor licença para um
Que sem mira em qualquer premio,
Pois valor não tem nenhum
Deseja ingressar no grémio
De que sois o Director.
E desde já agradece
A licença que é favor
Atenção e grau benesse
Aquele que pouco vale,
O muito grato...

Vial.

Pelo "Gilvaz" tão bem feito—2—
Publicado n' "A Cruzada"
Eu rendo profundo pr:ito
Ao ilustre camarada.

Lastimo apenas a sorte
Que por mor duma "mulher"—2
Tivera o Vaz, que tão forte
E valentão, ter-se quer.

Agora ri-se a Raimunda,
Que dos dois sempre foi qu'rida
Da cena que na "Rotunda"
A face ao Vaz deixou f'rida.

Vila Verde (Freiriz)

Vial.

Dispensa-me o António muito bem
P'ra dar a perceber que nome tem.—1
D'igual maneira se dá com o José,
Porque, me dispensando, o mesmo é.—1
E sendo assim, se torna conv'niente,
P'ra não redundar n'um "inocente".

Lebricho.

EM FRASE

Foi na igreja que eu recebi o verdadeiro nome.—1—2

—Na igreja? —Sim, na igreja. Não só o nome, como também o apelido.—1—2

H. Raio.

SINOPADAS

(por sílabas)

3—Erradio anda o inocente.—2

Madre Helena.

3—Querida mulher—2...

3—Sou livre! Posso dar-te o meu nome.—2

L. Heitor.

AUMENTATIVA

O tê-la ninguém deseja,
Por ser prejudicial,
Mas obtê-lo se almeja
D'um poder celestial—2

Agar Ramos

ENIGMA

Cheguei ontem de Coimbra
Sem o curso terminar,
Vou-me casar em Cezimbra,
Não quero mais estudar.

Ninguém, por isso, me zimbra,
Nem mesmo em tal pensar;
Embora custe a quem timbra
Em bom futuro me dar.

Não mais quero aturar lentes,
Tendo entre eles 'té parentes
Dos quais 'stou cheio de sobra...

Olham-me de sôbre a burra,
Mas deram com um caturra
Que tem cerviz que não dobra.

Lebricho.

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Chegou madama Gaudência,
Persa d'origem francesa,
Para fixar residência
Nesta vila portuguesa.

Nuno 4.º

ENIGMA TIPOGRÁFICO



11 LETRAS

As decifrações dos trabalhos publicados no n.º 16 são: Gravado, Idiota, Hyperphysico, Orgiaco, Orador, Amaro-aro, Francisca-franca, Apupa, Aviva, Asas (Sã entre as) Sobral de Monte Agraço e Devemos amar, mas, mais a Jesus, do que a outrem.

Lebricho

Uma genial invenção para não fazer discursos

O novelista inglês J. B. Priestly descobriu um singular processo... de não fazer discursos.

Foi o caso que J. B. Priestly tinha de fazer um discurso num pôsto emissor.

Tôda a Inglaterra, todos os Estados Unidos, a Europa tôda estava com os aparelhos de rádio engatilhados, à espera da palavra do romancista. O discurso ia ser irradiado pela Colúmbia Broadcasting System, nos Estados Unidos.

De repente, o locutor da Colúmbia faz-se ouvir:

Atenção! Atenção! Vai ocupar agora o nosso microfone o escritor J. B. Priestly, para fazer o seu anunciado discurso...

Espectativa, curiosidade geral. Passam-se os minutos. Dois... Cinco... Dez...

De repente, o da Colúmbia faz-se ouvir de novo:

O sr. J. B. Priestly não pode fazer o seu discurso porque esqueceu os originais em casa...

Não seria bom que o exemplo frutificasse nos países, em que, como no nosso, tanto se abusa da oratória?

Barcelinhos antigo

Extracto do Portugal antigo e moderno de Pinho Leal

Barcelinhos — Freguesia, Minho, Comarca, concelho e arbalde de Barcelos donde só está separada pelo Cávado, 18 Km. a O. de Braga, 360 a N. de Lisboa, 260 fogos. Em 1757 tinha 177 fogos.

O ago Santo André, apóstolo. Arcedispado e districto administrativo de Braga.

O vigário era apresentado pelo prior da colegiada de Barcelos e tinha de rendimento 60\$000 reis.

A igreja chamava-se antigamente Santo André de Meréces, procedido de uma aldeia deste nome.

Maréces, é uma pequena aldeia, quasi exclusivamente habitada por serralheiros.

Fica p'óxima a Barcelinhos e ao lado da estrada que conduz á Povoia de Varzim.

A fonte de Ninães é famosa em tôda a provincia, pela óptima qualidade da sua água.

Dela bebiam os arcebispos de Braga.

Estando a fonte arruinada, foi reedificada pela câmara de Barcelos em 1710, com grande magnificência, e tem no frontão a seguinte inscrição:

«*Sí verae nascentur aquae de vertice coeli, hac de coelesti vertice limpha fluit.*»

E-tá em comunicação com Barcelos, por uma magestosa ponte, obra dos romanos, de admirável solidez.

Deste lado e sôbre a ponta (logo á entrada dela) está a capela, octogona, de Nossa Senhora da Ponte, toda forrada de azulejos e a telha é toda vidrada.

Tem mais de 500 anos. Antigamente formou parte do braço de Barcelos.

Tem Barcelinhos mais outras capelas, que não tem coisa notável.

Em 1841, foi feito barão de Barcelinhos, Manuel José de Oliveira (o Manuel dos contos). Hoje é casado com a viuva do dito barão, o senhor visconde de Ouguéla.

E' terra abundante de boas águas, fértil e saudável e suas cercanias muito aprazíveis.

E' uma grande povoação, com bonitos predios, e vista de Barcelos faz um óptimo efeito.

E' situada sobre a margem esquerda (ao S.) do rio.

«Vide Portugal Antigo e Moderno» Volume I, de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal, a paginas 326.

Fra Casil.

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

III

(Continuação do número 31)

Se os gregos nos deixaram, conforme diz Herculsno, os seus costumes, como não deixaram com eles os seus vocabulos e não influíram na nossa lingua?

Não se comprehende que num povo prevalecesse a lingua de um e os costumes de outro, sobretudo quando este levou vantagem á quele em todos os ramos da actividade humana.

A esfera intellectual de povo grego foi maior que a dos fenícios; por isso a Grecia foi o berço de todas as civilizações da velha Europa, incluindo também a soberba Roma.

E' pois indubitável que a influencia grega, na Lusitania e na Galiza, foi mais poderosa que a dos fenícios.

Rezendo coligiu perto de 500 vocabulos gregos na lingua portugueza, na maior parte dos ditongos e nos artigos dos nossos nomes. Isto levou Luiz Nunes, na *Héspania*, a filiar na nossa lingua na grega, opinião esta que seguiu também Duarte Nunes de Leão; e f. Bernardo da Silva diz que a nossa lingua foi mais illustrada com vocabulos gregos do que romanos. A este respeito diz Ribeiro dos Santos que ha vocabulos gregos que nunca foram usados por nossos maiores, posto que nenhum em escritores gregos que escreveram de nossas coisas que traduziam muitos desses vocabulos na nossa lingua.

E acrescenta com fria critica o seguinte:

«Há termos que parecem da filiação grega e contudo são gerais e transcendentes a muitas linguas que não derivaram da grega, os quais nos vieram antes, ou da lingua primitiva e natural, ou das primeiras linguas matizes de que nasceu a grega e outras mais». Mostra, em seguida, que varios termos, que se tornam originariamente por gregos, são originarios da E-panha.

Ela demonstra que alguns vocabulos gregos nos vieram por meio dos galo-celtas de Marrelha, os quais conheciam tão bem aquela lingua que se serviam dela nos seus contractos, e que, nos séculos IV, V e VI, os ecclesiásticos recitavam em grego os officios divinos.

O mesmo escritor faz um excelente catalogo dos nomes comuns ao vascoço e grego.

Sustenta que muitos vocabulos nos vieram immediatamente do latim, outros immediatamente do arabe, e outros foram recebidos modernamente.

A sua «Comparação harmonica da lingua portugueza com a grega» é um belo e instrutivo trabalho.

(Continúa)

Fra Casil.

Carvalho, 25-4-1933

Segundo nos informam, a Comissão administrativa desta freguezia tem resolvido efectuar o calcetamento do largo da Igreja parochial até ao Cruzeiro. Não acreditamos á primeira vista, pois será esse o único melhoramento que fará desde que há cerca de tres anos tomou conta dos destinos da freguezia. Esperamos que esse melhoramento seja um facto e não lhe regatearemos os nossos elogios.

—Ao ler quasi diariamente as importantes verbas com que o Governo contempla tantos concelho, freguezias e simples aldeias, perguntamos muito naturalmente a nós mesmos: não poderíamos conseguir também alguns contos para melhoramentos locais? Não poderíamos abrir uma estrada que, partindo da igreja parochial de Carvalho, ligasse esta risonha freguesia de Gilmonde e Alvelos? Não seria dispendioso esse pequeno troço de estrada que não iria além de dois mil e quinhentos metros. Este pequeno troço interceptaria as estradas municipais da Franqueira, da Fervença e de Alvelos, e a estrada nacional da Povoia de Varzim e a de Barcelos, pondo desta maneira a freguesia em contacto directo com um grande número de freguezias.

A quem competirá pedir ao Governo um subsido para tal melhoramento? A' Comissão administrativa da parochia, a exemplo de tantas outras. Consiga isso a Comissão administrativa e terá os nossos parabens.

Dr. Rui de Serpa Pinto

Foi bem recebida a noticia biografica deste grande arqueologo e saudoso extinto, publicado neste semanário, muito principalmente por se ter dado a saber que tudo quanto ha de bom, principalmente a classificação e catalogação do Museu do «Grupo Alcaldes de Faria» a ele se deve.

Assim é que é: a Cezar o que é de Cezar.

Liceu Municipal

Há tempos a esta parte que vem correndo a galga de que já não se pensa na criação do nosso Liceu Municipal, se bem que a Câmara Municipal ha perto de um ano vem cobrando impostos que foram creados exclusivamente para este fim.

Não acreditamos, por este motivo, que tal boato se confirme pois sabemos que compromisso foi tomado pelo Ex.mo Sr. Dr. José Gomes de Matos G'ça, illust e Governador civil do districto e então Presidente da nossa edilidade.

Assim seja.

COISAS HISTORICAS

«Copia fiel da seguinte inscrição em azulijo que se encontra em S. Julião da Barra em Lisboa em uma das suas prisões».

A prisão de Gomes Freire na Torre de S. Julião da Barra em 1817

Estes são os ferrolhos que virão
Gomes Freire na prisão encerrado
Estas são as paredes que ouvirão
De seu peito o gemer abafado.

Foi aqui onde maguas crueis
Sobre a sorte da pátria sentia
Foi aqui onde a pátria liberta
Em mil sonhos feliz concebia.

E d'aqui por cruel despotismo
A morrer o heroe foi levado
Mas morreu qual sempre vivera
Como heroe português e soldado.

O General Sá Magalhães Barão da Batalha a fez colher em 1853.